senhando sobre diversas superfícies, com diferentes objetos e até mesmo ao pintar seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se do desenho para expressar experiências sensíveis.

O desenho é, seguramente, uma forma de comunicação infantil, ou seja, é através dele que a criança tem a possibilidade de registrar sua fala, expressar seus gestos, uma vez que a mesma ainda não tem o domínio da escrita convencional.

Logo, o desenho é considerado a primeira escrita.

No decorrer da simbolização, a criança passa gradativamente a apreender códigos de representação das imagens, passando a considerar a hipótese de que o desenho serve para imprimir o que se vê, criando formas expressivas individualizadas integrando percepção, imaginação, reflexão e sensibilidade que podem ser apropriadas pelas leituras simbólicas de outras crianças e adultos.

Moreira, em seu livro, relaciona os estudos de Piaget sobre jogos com a pesquisa realizada por Luquet sobre as etapas do desenho infantil, destacando que há uma importante ligação entre eles, pois a criança, ao desenhar demonstra espontaneamente uma evolução cognitiva.

Moreira ainda ressalta em seu livro um fator muito presente na sociedade capitalista que é a alfabetização precoce. Esta banaliza o desenho, haja visto que com a Revolução Industrial e o crescimento urbano aumentou-se a necessidade de mão de obra, o que trouxe como conseqüência um aumento no número de escolas infantis, com a finalidade de preservar um espaço para a criança.

O que deveria ser uma ferramenta em favor do desenvolvimento da criança, tornou-se um local onde a mesma se ocupa com atividades mecânicas para satisfazer o desejo dos pais: ler e escrever.

...Pois a escola maternal que encontramos hoje, salvo raríssimas exceções, não corresponde à visão do teórico, mas ao desejo dos pais. E o desejo dos pais está permeado pela ideologia dominante em nossa sociedade. Este desejo está expresso na procura de escolas fortes. Escola forte que traduz um desejo de força, de poder. Escola forte entendida como a escola que promove o mais rapidamente a alfabetização que é socialmente compreendida como signo de sucesso."(MOREIRA, 1997:65,66)

É indispensável que o professor tenha um entendimento a respeito de seu papel, para que seja promovido na criança um senso de autonomia a fim de que ela possa expressar sua liberdade e se constitua como um sujeito autônomo, crítico e participativo na sociedade em que vive, e o desenho está atribuído a esse processo.

Metodologia da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida através de leituras de livros, artigos e periódicos, além de consultas a sites na Internet a respeito do tema abordado.

Referencial Teórico

MEREDIEU, Florence.

Meredieu através de seus textos busca direcionar o trabalho de educadores e todos aqueles interessados no mundo infantil indicando as perspectivas às quais devem ser restituídos os desenhos das crianças, não sendo reduzidos às categorias adultas.

Bibliografia Básica

GREIG, Philippe. A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2004

LOWENFELD, Viktor.;BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da

capacidade criadora. São Paulo : Mestre Jou, 1977

MEREDIEU, Florence de. O desenho infantil. São Paulo: Culrix, 2006

MOREIRA, Ana Angélica Albano. O espaço do desenho. São Paulo: Loyola, 1997

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, secretaria de Educação Fundamental.

Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. Pedagogia do desenho infantil. São Paulo:

Alínea, 2007.

FORMAÇÃO DO EDUCADOR

KLEUBER ROBERTO DE ARAUJO

RESUMO

O objetivo deste Artigo é estimular a reflexão sobre a contribuição da Formação Continuada na formação do educador e, em meio a estas reflexões, acreditamos que o processo de Formação Continuada contribua muito para a vida profissional do educador, visto a necessidade de estar atualizado em relação às mudanças, a fim de enfrentar os desafios postos no cotidiano escolar. Partimos do pressuposto de que os educadores devem ter consciência do seu papel e res-

ponsabilidade para que seus alunos adquiram autonomia e possam expressar suas opiniões e serem sujeitos críticos na sociedade. Também é muito relevante que os educadores conheçam a gestão e organização da escola em que trabalham, de forma que possam compreender, participar e contribuir para a melhoria da escola, do seu trabalho e da aprendizagem dos alunos. Uma formação contínua, possibilita que os educadores ampliem os olhares a respeito das atividades do dia-a-dia, em busca de novas descobertas, novas aprendizagens, novas expectativas, novos sonhos. Isso refletirá na aprendizagem dos alunos e na melhoria da escola.

Palavras chave: Formação Continua; Educador; Autonomia; Reflexão.

INTRODUÇÃO

A formação continuada é a garantia do desenvolvimento profissional permanente. Ela se faz por meio do estudo, da reflexão, da discussão e da confrontação das experiências dos professores. É responsabilidade da instituição, mas também do próprio professor. O desenvolvimento pessoal requer que o professor tome para si a responsabilidade com a própria formação, no contexto da instituição escolar. (LIBÂNEO, 2009, p. 389).

A promoção de ações de desenvolvimento profissional também se faz necessária em busca de uma gestão democrático-participativa. Ela diz respeito aos processos de formação continuada, que podem ocorrer "durante" ou "fora" da jornada de trabalho.

Dentre as ações possíveis, ressalto a importância da busca pelo ensino e pela aprendizagem efetiva dos alunos nesse contexto.

Assim, "serão inúteis as práticas democráticas de gestão, a descentralização, a avaliação institucional externa, a participação dos pais, etc.,"se os alunos não aprimorarem sua aprendizagem, se não aprenderem mais e melhor. (LIBÂNEO, 2009, p. 389).

Considerando a teoria de MIZUKAMI, 2002, os professores necessitam aprender com as situações vivenciadas, os conhecimentos e as experiências compartilhadas. Os conteúdos estão no centro dos assuntos que dizem respeito às políticas públicas de educação.

Pode-se dizer que a relação entre o professor e os alunos é mediada com base nos conteúdos. Dessa maneira, os professores necessitam assumir uma postura crítica nesse processo de mediação, uma vez que "as formas pelas quais os estudantes entram em contato e interagem com o currículo são tão vitais quanto o próprio conteúdo" (MIZUKAMI et al., 2002, p. 73).

Assim, torna-se essencial que os cursos de formação docente levem em conta que além de compreender os conteúdos, os professores devem saber de que forma ensinar esses conteúdos aos seus alunos. Para que haja o desenvolvimento profissional dos professores, é preciso que existam oportunidades para isso no cotidiano escolar, de forma que os docentes possam de fato aproveitar as oportunidades em busca de novas aprendizagens profissionais. Estas devem contribuir para a análise e melhoria das práticas pedagógicas.

Desse modo: [...] Tendo oportunidade – dentro da rotina organizacional de seu trabalho diário – para refletir sobre as implicações que a reforma coloca para seu ensino, os professores pouco a pouco, provavelmente, serão capazes de identificar em que e como eles necessitam mudar, e aprender muito melhor o que necessitam mudar. (MCDIARMID apud MIZUKAMI et al., 2002, p. 74).

Os autores estudados também desenvolvem a ideia de que o professor deve compreender o mesmo conteúdo escolar de variadas maneiras, para que assim, ao interagir em sala de aula, decida como ensiná-los aos alunos, de forma que eles compreendam, reflitam a respeito das novas ideias e atribuam significados pessoais.

Assim, é esperado que os próprios alunos desenvolvam as suas ideias e elaborem questões em busca de uma maior compreensão acerca do assunto. Dentro desse contexto, os professores precisam de tempo para se dedicar a aprender mais sobre a sua área de atuação, saber e refletir sobre como ensinar determinados conteúdos, conhecer e entender a organização da escola, saber se relacionar com os responsáveis pelos alunos e a comunidade escolar e repensar diversas questões.

A escola, enquanto local de trabalho, assume importância considerável na promoção do desenvolvimento profissional de seus participantes. Nesses termos, esse desenvolvimento, incorporado pelos próprios participantes, reverte em benefícios para a escola e para o processo de ensinoaprendizagem nela desenvolvido, (MIZUKAMI et al., 2002, p. 80)

De acordo com Libâneo (2009),

O desenvolvimento profissional diz respeito ao aprimoramento profissional do pessoal docente, técnico e administrativo no próprio contexto de trabalho. Assim, é na escola que os profissionais podem repensar as suas práticas, de forma que haja uma reconstrução em busca de transformações. O desenvolvimento profissional deve estar relacionado com o desenvolvimento pessoal e com o desenvolvimento organizacional. Assim, as ações de desenvolvimento profissional devem estar vinculadas às "práticas de gestão e da cultura organizacional" (LIBÂNEO,

2009, p. 375-376)

Nesse contexto, cabe definir a ideia de cultura organizacional, que de acordo com Libâneo (2009, p. 320), diz respeito ao "conjunto de fatores sociais, culturais e psicológicos que influenciam os modos de agir da organização como um todo e o comportamento das pessoas em particular". Dessa forma, a escola pode contribuir para o desenvolvimento docente, por ser um ambiente de aprendizagem em que há trocas de ideias entre os profissionais e a organização, possibilitando a constituição da cultura escolar.

Assim, os educadores também podem contribuir, quando necessário, para as mudanças na escola em busca da melhoria do processo de ensinoaprendizagem. Fátima Abdalla (apud LIBÂNEO, 2009) estabelece, em um estudo feito a respeito do assunto, quatro fatores que interferem nas relações entre trabalho docente e organização escolar.

A gestão, o projeto político-pedagógico, a organização e articulação do currículo e o investimento no desenvolvimento profissional dos professores. Assim, é importante ressaltar o fato de que a cultura organizacional pode influenciar o desenvolvimento docente, assim como os professores podem contribuir para construção da cultura dentro do espaço escolar. Cabe, nesse sentido, destacar o papel da direção e da coordenação pedagógica da escola relativo ao apoio e à sustentação desses espaços de reflexão, de investigação e de tomada de decisões, a fim de instaurar uma cultura de colaboração, como ingrediente da gestão participativa. (LIBÂNEO, 2009, p. 377)

Este processo deve ser visto de maneira positiva, como uma oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional. Para que isso ocorra, é preciso que haja uma articulação entre a prática e a reflexão, uma vez que elas devem caminhar juntas, pois estão entrelaçadas. A sociedade está passando por diversas mudanças e atualmente a escola se encontra no centro das atenções e espera-se que ela atenda às demandas sociais de diferentes ordens.

Atualmente o ensino tem passado por diversas mudanças, que acabam influenciando a identidade do professor e a gestão escolar, que também são afetados por essas transformações. Dessa forma, o autor ressalta que as escolas precisam organizar-se para promover a mudança, mas respeitando os significados, os valores, as atitudes e as práticas das pessoas. (LIBÂNEO, 2009, p. 377)

A educação, no contexto escolar, se complexifica e exige esforços redobrados e maior organização do trabalho educacional, assim como participação da comunidade na realização desse empreendimento, a fim de que possa ser efetiva, já que não basta ao estabelecimento de ensino apenas preparar o aluno para níveis mais elevados de escolaridade, uma vez que o que ele precisa é de aprender para compreender a vida, a si mesmo e a sociedade, como condições para ações competentes na prática da cidadania.

E o ambiente escolar como um todo deve oferecer-lhe esta experiência competente. Dessa forma, a sociedade passa a exigir uma escola que demonstre sua competência e começa a contribuir com esse processo e decidir sobre o mesmo, o que faz com que existam parcerias "entre organizações não-governamentais e empresas, com a escola, assim como o bom funcionamento de Associações de Pais e Mestres" (LÜCK, 2000, p. 12).

Essa alteração na concepção de educação e da relação "escola/sociedade" faz com que haja um novo enfoque na organização escolar. Isso possibilita que a gestão esteja associada à participação e a um processo em equipe. A participação de todos os envolvidos no processo escolar é de extrema importância para a gestão democrática, bem como a elaboração e execução do plano de desenvolvimento da escola.

Também é preciso que a proposta educacional esteja articulada com as necessidades sociais da realidade escolar. No que diz respeito à democracia, é preciso que todas as pessoas tenham igualdade de oportunidades e possibilidades de desenvolvimento humano, que ocorrem "através de atos inovadores, de novas ideias, de novas formas sociais que despertam novas necessidades e abrem novas possibilidades de ação." (FERREIRA, 2000, p. 170)

Isso só pode ser concretizado por meio da gestão democrática, que abre espaço para a participação das pessoas e rompe com a ideia do autoritarismo. A participação surge da necessidade do ser humano trabalhar, se organizar conjuntamente dentro das instituições, se associar para analisar e tomar decisões.

Assim, de acordo com a autora, ocorre a participação, que é sempre política "e que, associada à formação de qualidade, vai possibilitar o exercício da cidadania".

Associando a ideia de participação com a educação para a emancipação. Neste processo, é o próprio sujeito que deve ter consciência dos acontecimentos e se emancipar, porém o papel do educador se faz relevante nessa situação, uma vez que ele pode apoiar e motivar, contribuindo assim para que o próprio indivíduo se emancipe. "O desafio mais importante – e aí aparece o papel da educação – está em arregimentar todas as forças no sentido de preservar e cultivar a emancipação contra os riscos de manipulação." (FERREIRA, 2000, p. 171)

Ferreira (2000) destaca a importância

de um currículo voltado para os valores, a solidariedade e a ética. A autora também aponta o diálogo como algo essencial neste processo. A ideia de conhecimento-emancipação prevê uma ética que não seja individualista, mas que tenha como base a solidariedade e que contribua para que as pessoas se sintam parte de um coletivo que é a sociedade e façam parte de uma responsabilidade conjunta.

O conhecimento-emancipação também supõe a participação política, que tem como princípio a democracia. Com isso, "[...] a participação é um processo de democratização emancipatória na conquista incessante de espaços novos e de formas novas de cidadania individual e coletiva." (FERREIRA, 2000, p. 173)

A emancipação humana se conquista na solidariedade e na participação. Assim, além de destacar a relevância dos professores participarem do processo de gestão e organização escolar, é importante pensar e refletir de que modo as instituições escolares podem promover uma gestão que seja realmente democrática e possibilite a participação de todos. Também é preciso que no processo de ensino-aprendizagem, haja a preocupação com a autonomia dos alunos, que devem saber expressar as suas opiniões, analisar as situações de forma crítica e refletir sobre as mesmas.

É preciso considerar as mudanças ocorrentes na sociedade, especificamente na educação e a necessidade do educador em acompanhar essas transformações, refletir sobre as mesmas e construir novos saberes.

Atualmente é possível perceber que existem muitos desafios que devem ser enfrentados pelas escolas em busca da aprendizagem efetiva dos alunos. Dessa forma, os educadores necessitam estar preparados para lidar com uma realidade que se modifica a cada dia e exige deles uma postura frente às transformações no âmbito escolar.

A escola está se tornando mais complexa, o que faz com que a profissão docente não se restrinja ao "domínio dos conteúdos" e à "técnica" utilizada para a transmissão destes. Atualmente, é preciso que o professor lide com um "conhecimento em construção" e com a mudança constante. (MIZUKAMI et al, 2002, p. 12)

Desse modo, além de conhecer os conteúdos, o docente também deve aprender por meio de ações e atitudes. Muitas vezes, no dia-a-dia escolar, o professor se depara com situações nas quais ele não sabe como agir. Com isso, é importante que o educador esteja preparado para refletir sobre a realidade e elaborar novas maneiras de agir.

Começa então a surgir a ideia da formação como um continuum, na qual o professor também constrói conhecimentos de acordo com as situações vivenciadas em seu cotidiano. Com isso, um dos momentos pelos quais os docentes adquirem e constroem conhecimento é o processo de formação permanente.

Ao mesmo tempo em que se atribui grande força às experiências do professor acumuladas ao longo de sua vida – que, em geral, constituem inspiração (ou anti-inspiração), na maioria das vezes inconsciente, à sua configuração como um profissional ao longo da carreira –, entende-se que 26 essa configuração deva ser acompanhada pelo que o presente trabalho entende como processo de formação continuada. (MIZUKAMI et al., 2002, p. 16)

Com isso, a reflexão é muito importante neste processo, uma vez que contribui para interligar a formação inicial, a formação continuada e as situações vivenciadas pelos professores ao longo de sua profissão. Nesse sentido, ainda segundo a autora, o professor deve buscar o equilíbrio entre a reflexão e a rotina, entre o ato e o pensamento, não se entregando a modismos, mas decidindo conscientemente o caminho a seguir como professor que constrói sua própria prática de forma reflexiva.

É certo que não se pode substituir a formação inicial pela formação continuada, pois as duas fazem parte de um processo constante que deve estar articulado. Dessa forma, é preciso considerar a importância da formação inicial no processo "total" de formação, embora ela seja apenas um início de um processo que deve ser contínuo.

De acordo com Libâneo (2008),

É preciso considerar que a educação acontece em diversos lugares, portanto a escola não pode ser um espaço restrito à transmissão de informação sobre as matérias e os conteúdos dos livros didáticos. Ela deve ir além e buscar unir a cultura experienciada na sociedade com a cultura formal. Com isso, o professor tem o papel essencial de contribuir para que os alunos atribuam significados próprios "às mensagens e informações recebidas das mídias, multimídias e formas diversas de intervenção educativa urbana" (LIBÂNEO, 2009, p. 52).

Assim, os alunos poderão analisar as informações recebidas de uma maneira crítica, compreendendo os significados da cultura e da ciência.

É preciso que a escola: [...] proporcione não só o domínio de linguagens para a busca da informação, mas também para a criação da informação. Ou seja, a escola precisa articular sua capacidade de receber e interpretar informação, com a de produzi-la, considerando-se o aluno sujeito do seu próprio conhecimento. (LIBÂNEO, 2008, p. 53)

Assim, o autor ressalta ainda que a

formação docente deve contribuir para a construção de novos conhecimentos. Nesse sentido, a formação inicial é de suma importância para o professor, pois permite além do conhecimento, a identificação com a profissão.

É na formação continuada que a identidade do educador se consolida por meio do contexto do seu trabalho, "visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático" e "ao desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional" (LIBÂNEO, 2008, p. 73)

A formação permanente também contribui para a reflexão e a mudança nas práticas docentes, uma vez que é preciso buscar soluções para as possíveis dificuldades da profissão.

A formação continuada é uma maneira diferente de ver a capacitação profissional de professores. Ela visa ao desenvolvimento pessoal e profissional mediante práticas de envolvimento dos professores na organização da escola, na organização e articulação do currículo, nas atividades de assistência pedagógico-didática junto com a coordenação pedagógica, nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe. (LIBÂNEO, 2008, p. 78)

De acordo com o autor, o processo de formação continuada pode ocorrer dentro ou fora da jornada de trabalho. Muitas vezes, as situações mais conhecidas são as que ocorrem fora da jornada de trabalho, uma vez que dizem respeito a "congressos, cursos, encontros, palestras, oficinas" (p. 229). Porém, existem algumas ações que contribuem para o desenvolvimento profissional e muitas vezes não são vistas como parte integrante de uma formação continuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta atividade de pesquisa, conhecemos algumas concepções de diferentes autores sobre o desenvolvimento da ideia de formação inicial e continuada dos educadores.

Entendemos que a tendência crítico-reflexiva possibilita aos educadores analisarem suas práticas, desenvolvendo novas ideias e construindo novos conhecimentos. Assim, é importante um trabalho conjunto, no qual os profissionais possam dialogar com seus colegas de trabalho, discutindo experiências e refletindo sobre seu cotidiano.

É nesse contexto que a Formação Continuada deve estar presente, contribuindo para que os educadores que já estão inseridos nas escolas possam conhecer diferentes ideias, construir novos conhecimentos, repensando as suas práticas de forma reflexiva e crítica.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. A formação Continuada de Professores: Tendências Atuais. In: REALI, Aline de M. R. R.; MIZUKAMI, M. da G. N. (Orgs). Formação de professores: tendências atuais: São Carlos: EdUFSCar, 1996.

CHALUH, Laura Noemi. Formação Continuada de Professores: diálogo e experiências. In: DIAS, Romualdo (Org.). Formação Continuada: diálogo entre educadores. Jaboticabal: Funep. 2010.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Gestão Democrática da Educação para uma Formação Humana: conceitos e possibilidades. Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 167 – 177, fev./jun. 2000.

GARCÍA, Carlos M. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, António (Org.).

Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5 ed. revista e ampliada – Goiânia: MF Livros, 2008.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. M. R.; REYES, C. R.; MARTUCCI, E. M.; LIMA, E. F.; TANCREDI, R. M. S. P.; MELLO, R. R. Aprendizagem da Docência: Contribuições Teóricas. In: _____. Escola e Aprendizagem da Docência: Processos de Investigação e Formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 25-33.

TARDIF, Maurice. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento. In:

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

OYAFUSO, Akiko; MAIA, Eny. Plano Escolar: caminho para a autonomia. 4. ed. São Paulo, 2004.

PÉREZ GÓMEZ, Angel. O pensamento prático do professor: A formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António (Org.). Os Professores e a sua Formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.